



REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA E ESTUDOS DO LÉXICO

ARTIGO

O LÉXICO SERTANEJO NA OBRA “SANGUE DE IRMÃOS, CANUDOS POR DENTRO”, DO ESCRITOR BAIANO JOSÉ ARAS

THE SERTANEJO LEXICON IN THE WORK “SANGUE DE IRMÃOS, CANUDOS POR DENTRO” BY THE BAHIAN WRITER JOSÉ ARAS

ADRIANA GONSALVES DA SILVA FONTES

Mestra em Estudos de Linguagens (PPGEL/UNEB). E-mail: drykafontes@gmail.com

MARIA DA CONCEIÇÃO REIS TEIXEIRA

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Professora da UNEB. E-mail: conceicaoreis@terra.com.br

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa lexical centrada na obra *Sangue de irmãos: Canudos por dentro*, do escritor baiano José Soares Ferreira Aras (1893-1979). O estudo, de natureza filológica e lexicográfica, teve como objetivo analisar o léxico sertanejo presente na obra, com foco nos campos semânticos relacionados a artefatos bélicos, indumentárias, modos de vida e atividades laborais, no contexto da Guerra de Canudos. A partir da digitalização e organização do corpus, foram catalogadas aproximadamente 600 lexias, das quais 150 compõem o glossário elaborado. A metodologia combinou ferramentas tecnológicas, como o FLEx e o Google Lens, e fundamentação teórica da lexicografia histórico-variacional. A pesquisa visa contribuir para a valorização da memória sertaneja, da linguagem regional e para o aprofundamento dos estudos lexicais e culturais do semi-árido baiano, ressaltando a importância da obra de Aras como testemunho linguístico e sociocultural de uma região historicamente marginalizada.

Palavras-chave: José Aras; léxico sertanejo; Guerra de Canudos; glossário; filologia; lexicografia histórico-variacional.

ABSTRACT

This article presents the results of a lexical study centered on the work *Sangue de irmãos: Canudos por dentro* by the Bahian writer José Soares Ferreira Aras (1893-1979). The philological and lexicographic research aimed to analyze the sertanejo lexicon documented in the book, focusing on semantic fields related to war artifacts, clothing, ways of life, and labor activities within the context of the War of Canudos. From the digitized corpus, approximately 600 lexias were cataloged, of which 150 were selected for the

glossary. The methodology combined digital tools, such as FLEx and Google Lens, and was grounded in historical-variational lexicography. The study contributes to the appreciation of sertanejo memory, regional language, and the deepening of lexical and cultural research in the Brazilian semi-arid region, emphasizing the significance of Aras's work as a linguistic and sociocultural testimony of a historically marginalized territory.

Keywords: José Aras; sertanejo lexicon; War of Canudos; glossary; linguistic memory; semi-arid culture; philology.



Open access journal: <http://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus>
ISSN 0101-8841

Considerações Iniciais

O interesse por enveredar pelo estudo da obra do escritor baiano José Soares Ferreira Aras (1893-1979) brotou do desejo de dar mais visibilidade a sua obra, bem como as memórias que o seu acervo representa, tendo em vista que o trabalho com a memória não é algo que está pronto, ou que precise ser resgatado, ou, ainda, que está feito e que se perdeu, só validado pelos intelectuais da academia, mas comprovar que o sertanejo também é produtor de memórias, assim como todas as pessoas que vivenciam a dinâmica de um espaço, nas relações sociais. Ademais, essas pessoas também foram e são produtoras de memórias, responsáveis por aquilo que fica, sai ou que é esquecido, ou ainda, pelo que é lembrado.

Diante disso, definiu-se inicialmente como umas das metas dar tratamento adequado aos documentos que integram o *acervo* de Aras que se encontra sob a guarda do Departamento de Ciências Humanas e Tecnológicas – DCHT XXII – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Euclides da Cunha – BA, especialmente aqueles diretamente relacionados a obra objeto desse estudo. Uma investigação de caráter científico necessita de documentos confiáveis e que tenham recebido tratamento arquivístico. Antes de acessar os acervos documentais, pretendia-se preparar uma edição crítica de um texto manuscrito. Contudo, à medida que o conhecimento ampliava, percebia que teria que implementar uma mudança de rota.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”¹ foi se impondo pela forma em que o autor descreve aspectos da cultura sertaneja, especialmente aqueles relacionados à Canudos conselheirista e seus habitantes, dos acontecimentos pertinentes a guerra. O livro abordava a temática da guerra contra Canudos, de forma diferenciada, como o próprio subtítulo sugere: por dentro, isto é, um olhar singular de quem experimentou a guerra, vivendo de alguma forma as suas consequências. A temática convidou a pesquisadora, filha da terra, a enveredar pelo estudo do léxico e colaborar para pôr em evidência aspectos históricos, sociais, linguísticos e culturais da região do semiárido.

Ao estudarmos a obra de Aras, numa perspectiva lexical, pretendemos comprovar sua relação com a história e a cultura sertaneja, para, com isso, investigar o uso da linguagem utilizada no início do século XX no semiárido baiano, precisamente na região do massacre e cercanias, dando enfoque às formações lexicais, tendo em vista que através da linguagem se percebe a relação que uma comunidade estabelece com a sua história, cultural e memória.

No presente artigo, apresentamos um recorte da pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGE, Universidade

do Estado da Bahia – UNEB, acerca da obra do escritor baiano, José Soares Ferreira Aras (1893-1979), cujo principal objetivo foi analisar o léxico sertanejo documentado por ele, em “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, e elaborar um glossário construído com o léxico pertencente ao contexto da guerra de Canudos, envolvendo os campos lexicais dos artefatos bélicos, dos *modus vivendi*, das indumentárias e das atividades laborais. Para o momento, apresentaremos a metodologia empregada no estudo empreendido que resultou na construção de um glossário.

Procedimentos metodológicos integrados: explorando saberes na pesquisa

A metodologia do estudo encontra-se dividida em quatro etapas a saber: primeira etapa, visita ao acervo José Aras para reconhecimento dos *corpora*; segunda etapa, escolha da obra e leitura para levantamento dos aspectos a serem analisados; terceira etapa, uso das ferramentas tecnológicas para a edição da obra e das análises; e, quarta etapa, elaboração do glossário com as lexias selecionadas em “Sangue de irmãos”.

Na primeira etapa, procedeu-se visitas ao acervo para reconhecimento e levantamento de dados sobre o quantitativo de obras, tipologias, estado de conservação, higienização dos manuscritos e possibilidade de realizar a edição fac-similar.

Na segunda etapa, após leitura preliminar dos documentos constantes no acervo, definimos que a segunda edição de “Sangue de irmãos” seria o objeto material de estudo e de onde seria constituído o *corpus* para a análise lexicológica pretendida.

Nessa etapa, utilizando ferramentas tecnológicas como o *Google Leans*, o livro físico foi transformado em um texto editável e posteriormente em um documento em PDF.

O *Google Leans* é uma ferramenta de realidade aumentada, gratuita, desenvolvida pela *Google*, que possibilita aos usuários digitalizarem textos de imagens e objetos do mundo real. Após a digitalização, o texto pode ser copiado e colado em outros programas. A ferramenta oferece uma série de recursos que podem facilitar o trabalho do pesquisador, como, por exemplo, reconhecimento óptico de caracteres (OCR), reconhecimento de fala e tradução automática: permite a tradução do texto para outros idiomas em tempo real.

Para o emprego do *Leans* na edição da obra “Sangue de irmãos”, usamos o aplicativo que vem pré-instalado no *Android*, bastando direcionar a câmera do *smartphone* na direção do texto, segurar os comandos dados pelo aplicativo (são tocar no botão do obturador para pesquisar; selecionar tudo; copiar texto). Usamos ainda o *Microsoft Word* como editor de texto para “colar” e organizar os textos digitalizados. Após esse processo, usamos o documento em *Word* para

¹“Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, obra que foi objeto de estudo da dissertação, por esse motivo esse título se repete diversas vezes ao longo do texto. Para facilitar a leitura e reduzir o título da obra, usaremos apenas Sangue de irmãos, podendo, quando necessário usar o título estendido.

localizar todas as lexias, as quais já havia feito o levantamento anteriormente na leitura do documento físico para reconhecimento da obra.

O passo seguinte foi elaborar uma tabela organizada por colunas e linhas; nas colunas colamos cada campo levantado individualmente e nas linhas, as lexias de acordo com a ordem em que apareciam no texto e a qual campo pertenciam. Em alguns casos uma mesma lexia poderia pertencer a mais de um contexto. A partir desse levantamento, decidimos por trabalhar com o vocabulário relativo aos artefatos bélicos, aos *modus vivendi*, as indumentárias e as atividades laborais.

Cumprindo a etapa de levantamento lexicológico/lexicográfico, para organização do banco de dados, utilizamos o recurso de ferramenta computacional *Field Works Language Explorer*, ou simplesmente FLEx, um programa gratuito produzido pela SIL – Sociedade Internacional de Linguística. É importante salientar que, diante das muitas possibilidades de uso, o FLEx tem sido útil para as Ciências do Léxico, pois se adequa às especificidades de cada trabalho, permitindo, principalmente, ao lexicógrafo realizar um banco de dados mais completo com as opções de inserir textos, sons e imagens, exportar os dados em PDF e disponibilizá-los online ou offline.

Para utilizar o FLEx, após o download, o primeiro passo foi a criação de um novo projeto na plataforma e a definição do sistema de escrita, no caso, o português. Em seguida, o programa remeteu-nos à tela inicial, onde utilizamos algumas finalidades, tais como, “Léxico” (espaço onde se constroem os verbetes e possui campos pré-definidos, que podem ser visualizados ou ocultados de acordo com a configuração adotada), “Entrada” (local onde são armazenados todos os textos transcritos), “Gramática” (recurso que permite inserir a classificação gramatical das unidades lexicais armazenadas e onde também pode-se acrescentar significados, definições, conceitos e exemplos retirados da obra).

Para iniciar a criação do banco de dados de “Sangue de irmãos” na plataforma FLEx, foi necessário recorrer ao texto editado no *Word* para selecionar os exemplos, bem como os contextos de emprego das lexias na obra. Ao concluir o levantamento das lexias que compõem o léxico sertanejo, tornou-se necessário a formulação de um glossário da obra, a partir do banco de dados inseridos no FLEx., pois este delimita com precisão a base de dados lexicais a serem estudados.

“Sangue de irmãos”: Canudos além das palavras – um estudo sobre o léxico sertanejo na obra de José Aras

Diante da quantidade de itens lexicais inventariados e da escassez de pesquisas lexicográficas sobre o sertão do Conselheiro, decidimos selecionar uma amostra analisável dentro dos prazos estabelecidos pelo mestrado. Essa seleção visava à elaboração de um glossário, o que nos levou a substituir a ideia inicial de trabalhar com os campos lexicais coseriano por um estudo léxico-cultural de um conjunto de itens lexicais relacionados a artefatos bélicos, *modus vivendi*, indumentárias e atividades laborais. O produto final desse estudo é um glossário com 150 termos.

Decidimos por usar o critério ordem alfabética para organização das lexias, seguindo, contudo, a noção de campos lexicais. O critério de construção de cada definição das lexias integrantes do glossário foi o de que elas deveriam buscar responder as seguintes questões: O que é, do que é feito e para que serve ou como é usado. Após a definição, figura o contexto de uso usado, em itálico, conforme podemos ver no quadro 1.

No que diz respeito as definições das profissões e/ ou ocupações laborais, não foi seguido obrigatoriamente os mesmos critérios em função de suas especificidades não possibilitarem responder a tais questionamentos, como veremos no quadro 2.

Quadro 1: Exemplo de Entrada com critério de definição de lexias

Alforje s.f. (o que é/do que é feito?) Saco de tecido rústico ou de couro, fechado nas extremidades, aberto no meio, formando duas bolsas iguais, **(para que serve?)** usado para acondicionar produtos secos e pequenos **(como é usado?)** durante o transporte feito em lombo de animais. “[...] selaram os animais e no meio das montarias, penduraram os alforjes, que conduziam café e rapadura, por não existir açúcar na região” (Aras, 2009, p. 202).

Fonte: Fontes, 2024.

Quadro 2: Exemplo de Entrada com critério de definição diferenciada

Capitão Jagunço s.m. (Quem é?) Sertanejo destemido, comprador de gado, **(Função desempenhada?)** trabalhava na distribuição dos homens de Conselheiro nas trincheiras. “Foi por essa época que o Jesuíno, o ‘Capitão Jagunço’ foi se oferecer ao Governador, deixando de prestar contas do gado ao Conselheiro [...]” (Aras, 2009, p. 105).

Fonte: Fontes, 2024.

Ressaltamos que se trata de uma análise léxico-cultural, da qual se constrói um glossário parcial e seletivo. As entradas léxicas são definidas como vocábulos do semiárido baiano no contexto da Guerra de Canudos, analisando as marcas linguísticas que revelam a cultura, a história e a identidade social do sertanejo. Ademais, o glossário resultante desse estudo pretende servir como uma ferramenta para pesquisadores, estudantes e entusiastas que desejem aprofundar seus conhecimentos sobre a obra do autor.

Através da organização sistemática das lexias e seus respectivos significados dentro do contexto da obra, pretendeu-se facilitar a compreensão das referências culturais, tradições e valores que permeiam o texto.

De acordo com Krieger; Finatto (2004, p. 130), “a construção de um glossário, ao contrário do que pensa o senso comum, deve seguir certos fundamentos da Terminografia”. Nesse sentido, cabe salientar que o campo de estudos lexicais ainda apresenta certa instabilidade terminológica, haja vista existirem muitas divergências e escassez de obras que apresentem os conceitos dentro do universo militar e sertanejo no que concerne ao campo dos artefatos bélicos, dos *modus vivendi*, das indumentárias e das atividades laborais. Em razão disso, consideramos prudente expor que recorreremos ao conceito de glossário a partir de Barbosa (2001), que opõe dicionários a vocabulários e glossários.

Ao tratar dos três tipos básicos de obras lexicográficas, é importante lembrar que os dicionários de língua processam as unidades lexicais da língua geral, enquanto os vocabulários, dicionários terminológicos, dicionários técnicos e glossários processam vocábulos representativos de uma norma linguística, inclusive as das línguas de especialidade. Glossários e vocabulários também podem processar o vocabulário de um texto-ocorrência.

Conforme aponta Barbosa (2001), os dicionários costumam ser mais extensos, valendo-se de *corpus* significativamente numeroso, a fim de abranger as mais diversas possibilidades da língua em um sentido abstrato. Já os vocabulários, por sua vez, referem-se aos vocábulos que ocorrem concretamente dentro de um texto, nesse estudo, os de “Sangue de irmãos”.

Por glossário, define-se o vocabulário que busca trazer a lume os sentidos subjacentes das unidades lexicais. Ademais, os glossários tendem a ser reduzidos, abrangendo apenas parcela das unidades lexicais de um escrito. Assim, no decorrer da pesquisa, consideramos que o termo a ser empregado poderia ser “vocabulário”, ou “glossário”, optando pelo segundo.

Há que se dizer que a intenção com o recorte realizado foi a de propor um glossário, inicialmente, parcial, a partir de uma leitura, situar o leitor em relação a unidades lexicais que tivessem algum grau de representatividade, não só na obra, como também para o contexto do sertão, quer seja por sua frequência, quer seja por seu conteúdo semântico relacionado à matéria do escrito. Desse modo, a proposta em realizar o glossário com apenas parte dos vocábulos

levantados neste estudo, abre margem para futuros estudos e a continuidade da organização do glossário com as demais lexias e expressões. No entanto, há também a preocupação em não tornar os resultados exaustivos, o que poderá afastar o leitor do real objetivo da pesquisa, usando o texto apenas como fonte de consulta pontual de elementos contidos no glossário, a fim de sanar dúvidas específicas.

Sobre a organização do glossário de “Sangue de irmãos”

As definições fornecidas para cada entrada foram elaboradas a partir dos significados depreendidos do contexto de sua ocorrência no texto de José Aras, buscando sobretudo refletir a sua acepção literário, cultural e histórico que permeia o contexto da Guerra de Canudos.

Cabe destacar que as lexias aqui arroladas pertencem ao tecido lexicocultural que dá vida à trama de “Sangue de irmãos”. Embora o processo de pesquisa tenha envolvido consulta a diversos dicionários terminológicos e de língua portuguesa, cada item lexical foi cuidadosamente organizado para refletir as especificidades do léxico sertanejo, tal como apresentado por Aras.

No tocante aos instrumentos bélicos, especialmente aquelas lexias denominativas de armas ou equipamentos bélicos não mais usados e que cuja definição não poderia ser sistematizada a partir do contexto de ocorrência, foi necessário recorrer ao auxílio de obras lexicográficas em língua portuguesa. Foram consultados, por exemplo, o Glossário Armas do Brasil (<http://www.armasbrasil.com/Pagdiversas/glossario.htm>), para a definição das lexias de acordo com seu significado no texto.

Durante o período de pesquisa foram catalogadas aproximadamente 600 lexias, das quais selecionamos 150 delas para a constituição do glossário. As lexias selecionadas figurarão no glossário em ordem alfabética, estruturando **Entrada em negrito**, conforme descrito anteriormente. A título de ilustração, nos parágrafos seguintes uma pequena amostra do glossário de “Sangue de irmãos”.

Considerações Finais

O estudo empreendido com “Sangue de irmãos: Canudos por dentro”, texto do escritor baiano José Soares Ferreira Aras, teve como um de seus propósitos analisar o léxico, buscando evidenciar a relação intrínseca entre o léxico utilizado por Aras e a história, cultura e memória do sertão baiano, especialmente no contexto da guerra de Canudos.

Ao longo do texto, foi possível perceber que a linguagem utilizada por Aras, datada do início do século XX no semiárido baiano, reflete não apenas uma narrativa histórica, mas também os valores, crenças e costumes da população sertaneja. A obra “Sangue de irmãos” apresenta-se como um testemunho singular da cultura local, especialmente em relação a Canudos, proporcionando uma visão peculiar e autêntica desse episódio marcante.

A a

Aió s.m. Bolsa feita de fibras de caroá, usada para colocar pedras e artefatos de munição. *“Os aiós andavam cheios de pedrinhas redondas, para servirem de balas, que eles catavam no racho do Sargento”* (Aras, 2009, p. 77).

Alavanca s.f. Barra de metal utilizada para quebrar superfícies duras, usada na prática da agricultura, jardinagem e construção civil. *“Durante os trabalhos, ouvindo o som dos malhos, alavancas e picaretas, que sacudiam a montanha”* (Aras, 2009, p. 40).

Alfange s.m. Artefato cortante de lâmina curta e larga, com o fio no lado convexo da curva. *“Espécie de foice, semelhante a uma guilhotina, que cortava o pescoço, separando a cabeça do corpo. O referido instrumento tinha o formato de asa de gavião, era bem afiado e tinha o nome de alfange”* (Aras, 2009, p. 183).

Alforje s.f. Saco de tecido rústico ou de couro, fechado nas extremidades, aberto no meio, formando duas bolsas iguais, usado para acondicionar produtos secos e pequenos durante o transporte feito em lombo de animais. *“[...] selaram os animais e no meio das montarias, penduraram os alforjes, que conduziam café e rapadura, por não existir açúcar na região”* (Aras, 2009, p. 202).

Algibeira s.f. Pequeno bolso integrado à roupa, geralmente cozido pelo lado de dentro, usado para colocar pequenos objetos ou quantias em dinheiro. *“[...] trajava chambre azulão, sem algibeira”* (Aras, 2009, p. 65).

Alpercata s.f. Sandália, feita de couro com solado de borracha, fixada aos pés através de tiras de couro ou cordões de tecido. *“Atiravam as botinas ao mato e faziam alpercatas de couro*

fresco de boi...” (Aras, 2009, p. 184).

Alpercata de franciscano loc. Modelo de calçado feito de couro ou tecido resistente, com solado de borracha, podendo, ou não, ser fechada no calcanhar. *“[...] ora, usava chapéu, ora boina e alpercatas de franciscanos”* (Aras, 2009, p. 65).

Arenga s.f. Conversas geradas a partir da linha telegráfica. *“Em Monte Santo se podia ouvir o tic-tac da arenga, que, no dizer do povo, ‘só falava como mudo e depois explicava’”* (Aras, 2009, p. 169).

Arengar v.t. Fazer fofoca; fofocar; falar muito. *“[...]temendo que ele fosse arengar à Força”* (Aras, 2009, p. 169).

Arengueiro s.f. Maneira como os sertanejos se referiam à linha telegráfica instalada pelo Exército entre Monte Santo e Queimadas. *“Poucos dias depois, já funcionava o ‘arengueiro’, como foi batizado pelos matutos”* (Aras, 2009, p. 168).

Aribé s.m. Espécie de recipiente feito de barro, semelhante a um prato fundo ou tigela. *“Os utensílios eram panelas, aribés, potes, pinicos e pratos de barro[.]”* (Aras, 2009, p. 80).

Arma de cartucho loc. Espécie de arma de fogo, de fabricação artesanal, de pequeno calibre. *“Destruíram exércitos com armas de cartuchos, de pedras e espoletas, socadas de buchas pelas bocas, contra a artilharia”* (ARAS, 2009, p. 62).

Arreio s.m. Conjunto de equipamentos de couro, utilizados para preparar o cavalo para a montaria ou para o transporte de cargas. *“Então, o Beato mandou-o entregar à polícia de Monte Santo, devolvendo a mula com os arreios para a família do morto”* (Aras, 2009, p. 87).

B b

Bacamarte s.m. Espécie de arma de fogo, feita com cano de ferro ou latão, de fabricação artesanal, carregada pela boca, de precisão limitada e de curto alcance. "[...] estavam nas trincheiras das igrejas, ou armados de foices, facões e chuços, por trás das portas dos casebres, atirando pelos buracos, com garruchas e **bacamartes**, e por entre os becos e vielas" (Aras, 2009, p. 139).

Baioneta s.f. Artefato cortante, de aço, que se acopla ao extremo do cano de fuzil ou espingarda. "O coronel, virando-se para os oficiais, disse-lhes: 'Esse Conselheiro é feiticeiro. Vamos quebrar essa mandinga, à **baioneta**'" (Aras, 2009, p. 139).

Bala s.f. Espécie de projétil, cilíndrico ou esférico, feito de metal, expelido pelo disparo de arma de fogo. "Quanto ao chumbo para as **balas**, era encontrado nativo em todos os tamanhos, desde o riacho do Sargento até a serra da Várzea, do major Lucas" (Aras, 2009, p. 60).

Banco s.m. Espécie de assento de madeira, estreito e duro, sem apoio para os braços e sem encosto. "O altar havia sido improvisado com mesas, e, ao seu lado estava o púlpito arranjado com **bancos**" (Aras, 2009, p. 64).

Barrica s.f. Utensílio de madeira, semelhante ao tonel, usado para transportar ou guardar mercadorias, principalmente líquidos. "[...] soldados fardados em putrefação, bacias, **barricas**, carroças, carros de bois, armamentos diversos" (Aras, 2009, 198).

Barril s.m. 1) Recipiente feito de madeira ou borracha de pneu, em formato cilíndrico, destinado a conservar ou transportar algo, geralmente líquidos. "Os **barris** de pólvora das Forças se furavam nas quedas dos animais

magros, famintos e extenuados, sobre os tocos, sendo, muitas vezes preciso matar bois para tirar os couros e consertar os **barris**" (Aras, 2009, p. 179).

Batalhão jagunço loc. Pelotão da Polícia baiana, formado por homens da região do São Francisco. "Fazia parte das tropas um 'batalhão jagunço' que era um pelotão da Polícia baiana, recrutado com 'cabras' valentes do São Francisco" (Aras, 2009, p. 193).

Batalhão talentoso loc. Denominação dada para a 2ª Coluna da 4ª Expedição; talentosa no sentido de forte, valente, corajosa, poderosa. "[...] o 'batalhão talentoso', que partiu de Aracaju, tendo à frente quarenta cometas, pela estrada velha de São Cristóvão [...]" (Aras, 2009, p. 193).

Besta s.f. Artefato de pressão, em formato de arco, que lança flechas de forma silenciosa e eficaz. "Viam-se, também facões jacaré, facas Parnaíba, **bestas** e espingardas" (Aras, 2009, p. 80).

Besta fera s.f. Espécie de canhão, de fabricação alemã, usado pelo exército contra a população que vivia no Arraial de Canudos. "Em meio aos dezenove canhões que se espalhavam pelo alto do Mário, havia a Withworth 32, conhecido pelos canadenses como '**besta fera**', ou 'matadeira' [...]" (Aras, 2009, p. 182).

Bogó s.m. 1) Bolsa feita de fibras de sisal, semelhante ao aió, usado para colocar raízes, folhas de ervas ou arbustos, cascas de árvores e cipós. "Os curandeiros viviam pelas caatingas, ou pelos tabuleiros, conduzindo **bogós** ou aiós de fibras, onde colocavam as raízes, folhas ou caules de ervas ou arbustos, cascas de árvores, cipós [...]" (Aras, 2009, p. 89). 2) Recipiente de couro, em forma de balde, com o qual se extrai água de cacimbas e poços. "Pendurados, o **bogó**

C c

Caatingueiro s.m. Morador da região da caatinga.

"Os caatingueiros respeitavam o fio e nem perto chegavam, temendo que ele fosse arengar à Força" (Aras, 2009, p. 169).

Cabaça s.f. Utensílio feito com o fruto da cabaceira, na qual se faz um recorte na parte superior, usada para colocar água, grãos ou pó. *"Misturava com favela ou cansação, e feito aquilo, saía pólvora viva, com a qual enchia as cabaças para os canos das armas"* (Aras, 2009, p. 77).

Cabo de guerra loc. Homem de confiança de Antônio Conselheiro para cuidar da questão administrativa do arraial. *"Muitas vezes, seus 'cabos de guerra' passavam nas fazendas e traziam algumas 'lembranças' do Conselheiro para mim [...]"* (Aras, 2009, p. 208).

Caçamba s.f. Espécie de estribo fechado, feito de ferro ou couro, em formato de chinelo, usado por combatentes e vaqueiros. *"[...]além dos bois e cavalos vivos, selins dos oficiais, caçambas (estribos), cangalhas e arreios diversos"* (Aras, 2009, p. 150).

Cacetes s.m. Espécie de bastão ou pedaço de madeira resistente, em formato cilíndrico, pequeno porte, geralmente mais grosso numa das pontas, usado para golpear ou para defesa pessoal. *"Seus adeptos carregavam espingardas e cacetes, cestos de cipó, trouxas, galinhas e outras aves menores"* (Aras, 2009, p. 57).

Cachaceiro s.m. Negociante de aguardente que transportava cachaça em barris. *"[...] e o cachaceiro não podendo continuar a jornada, escondeu os barris em moitas de grajaú [...]"* (Aras, 2029, p. 19).

Cachimbo s.m. Instrumento utilizado para se fumar ou pitar, feito de madeira ou barro,

composto por um forninho, onde se coloca tabaco ou mistura de ervas, e um tubo ou canudo para aspirar a fumaça. *"A personagem senta na ribanceira do caminho, tira um artifício de chifre, risca e acende o seu cachimbo"* (Aras, 2009, p. 139).

Caçuá s.m. Espécie de cesto grande e comprido, feito de cipó, vime ou bambu, sem tampa e com alças para prender às cangalhas, usado no transporte de gêneros diversos, em animais de carga. *"[...]os caçuás, os aiós, os cestos de cipó, etc."* (Aras, 2009, p. 80).

Caiçara s.m. Espécie de cerca feita com ramos de árvores, pau a pique, varas, trançados, formando um curral em torno de plantações para impedir a entrada de gado. *"[...] os vaqueiros sempre estavam a cavalgar suas reses, ou pelos campos, ao lado de alguma 'pinga', ou ainda nos currais de ramos, chamados 'caiçaras'"* (Aras, 2009, p. 67).

Calibre s.m. Medida do diâmetro do cano de arma de fogo ou tamanho da boca de canhão. *"Arrumavam-se para a viagem, colocando canhões de pequeno calibre em carroças e preparando os animais de montaria para os oficiais"* (Aras, 2009, p. 105).

Cama de campanha loc. Espécie de cama móvel, dobrável e desarmável, usada especialmente em campanhas militares e ações humanitárias. *"O coronel descansava em sua cama de campanha, na latada, junto ao alpendre do casarão, em companhia do coronel da Guarda Nacional"* (Aras, 2009, p. 124).

Cama de tábua loc. Espécie de cama rústica, feita de tábuas ou pedaços de madeira, frágeis e improvisados. *"Na sala de dentro tinha uma cama de tábua, forrada com uma esteira de*

palha [...]” (Aras, 2009, p. 214).

Cama de varas e forquilha loc. Espécie de cama, feita a partir de um jirau de varas bem juntas, armada em quatro forquilha, com duas travessas. “Conseguiram improvisar **camas de varas e forquilha** [...]” (Aras, 2009, p.179).

Candeia s.f. Espécie de lamparina, também conhecida como candeiro, formada por um recipiente, com um bico pelo qual passa a extremidade de um pavio, que se enche com óleo para queimar, formando a chama. “Resolveram segui-los, mesmo à noite, apesar da escuridão reinante, pois não se avistava sequer uma luz de **candeia**” (Aras, 2009, p. 55).

Candeia de sebo loc. Espécie de lamparina antiga, feita de barro, metal ou vidro, na qual se usa sebo de animais como combustível, tendo como pavio um pedaço de tecido chamado torcida. “Iluminavam-se com **candeias de sebo** ou cera, ou ainda, com um líquido preto, que corria dos talhados” (Aras, 2009, p. 213).

Cangalha s.f. Artefato de madeira ou ferro, acolchoado, usado no dorso de animais de carga, para pendurar e distribuir o peso da carga de forma uniforme sobre o animal. “Os transportes eram feitos em bois de **cangalhas**, escravos e cavalos” (Aras, 2009, p. 11).

Canhão s.m. Artefato bélico de grande porte, que dispara balas, normalmente utilizado em batalhas ou guerras. “[...] eis que a ordem dada ao artilheiro para fazer detonar o **canhão**, foi improdutiva. Por mais que ele tentasse, não conseguia. O **canhão** estava emperrado; a garganta encravada” (Aras, 2009, p. 113).

Cantil s.m. Recipiente feito de alumínio, flandres ou barro, usado pelas forças armadas para armazenar pequena quantidade de água ou outro líquido, levado em longos percursos. “No percurso, atiravam fora, objetos de seu uso, que não suportavam carregar, como marmitas, **cantis**

de flandres, cobertores, etc.” (Aras, 2009, p. 102)

Capataz s.m. Trabalhador de fazendas, representante do proprietário da terra, responsável por garantir que a produção seja realizada de acordo com as suas expectativas. Figura autoritária, de origem humilde, mas que tem experiência na agricultura ou na pecuária. “Encontrava-se, raramente, uma ou outra fazenda, onde residiam os senhores ou os seus **capatazes**” (Aras, 2009, p. 11).

Capitão Jagunço s.m. Sertanejo destemido, comprador de gado, trabalhava na distribuição dos homens de Conselheiro nas trincheiras. “Foi por essa época que o Jesuíno, o ‘**Capitão Jagunço**’ foi se oferecer ao Governador, deixando de prestar contas do gado ao Conselheiro [...]” (Aras, 2009, p. 105).

Capote s.m. Espécie de casaco ou capa de tecido, longo, amplo, usado para se proteger no tempo frio ou dos espinhos da vegetação no bioma caatinga. “[...] por cima de uma colcha de baeta, e mais um **capote** de lã” (Aras, 2009, p. 99).

Carabina s.f. Artefato bélico, de baixo calibre semelhante à espingarda, mais curta que o fuzil, muito usada pelo Exército Brasileiro. “Cada um dos indivíduos, carregava uma **carabina** [...]” (Aras, 2009, p. 99).

Carrasco s.m. Soldado treinado para executar pessoas no campo de degola. “O **carrasco** mais tirano que houve em Canudos, era conhecido por Carrapicho, e era alagoano” (Aras, 2009, p. 183).

Carro de boi loc. Espécie de carroça puxada por um ou mais bois, usado para transporte de cargas artefatos, material agrícola e/ou de pessoas. “[...] soldados fardados em putrefação, bacias, barricas, carroças, **carros de bois**, armamentos diversos” (Aras, 2009, p. 199).

Carroça s.f. Espécie de transporte rústico, feito de madeira, puxado por tração animal,

Carroça

6

geralmente, cavalo ou boi. *“Alguns ajudavam os burros a subirem as ladeiras, e outros empurravam a **carroça**, que levava o canhão”* (Aras, 2023, p. 114).

Cartucho s.m. Artefato usado para munição de armas de fogo, com formato de cápsula, onde se comporta elementos como a pólvora, o projétil ou outros elementos explosivos. *“[...] Por sua vez, pensavam atirar somente em caça grande, para não perder o **cartucho**”* (Aras, 2009, p. 143).

Cesto de cipó loc. Utensílio de origem indígena, obtido pelo trançado de cipós flexíveis, usado para transporte de carga e armazenagem de alimentos secos. *“[...] carregavam espingardas e cacetes, **cestos de cipó**, trouxas, galinhas e outras aves menores”* (Aras, 2009, p. 57).

Chambre s.m. Espécie de túnica, longa e com mangas compridas, confeccionada em tecido rústico de algodão. *“o traje por ele usado era o mesmo: **chambre** [...]”* (Aras, 2009, p. 57).

Chapéu de baeta loc. Acessório confeccionado em tecido de lã pesado e denso, geralmente preto ou marrom, usados para ocasiões formais ou semiformais. *“Usava uma faca caririzeira no cinto, **chapéu preto de baeta** e abas largas”* (Aras, 2009, p. 174).

Chapéu de campanha loc. Espécie de chapéu militar, confeccionado em feltro ou tecido semelhante, possui abas largas e coroa alta, tira de queixo ajustável. *“O general-comandante montava um cavalo preto e usava grande **chapéu de campanha**”* (Aras, 2009, p. 170).

Chapéu de couro loc. Acessório confeccionado em couro, parte da indumentária do vaqueiro na tarefa de aboiar o gado, usado também para proteger a cabeça das ervas espinhosas da caatinga, do sol e da chuva. *“[...]atiravam o gorro fora, e onde encontravam um vaqueiro com **chapéu de couro**, faziam a troca, o mesmo acontecendo com as botinas”*(Aras, 2009, p. 99).

Chocalho s.m. Espécie de sineta de metal, em forma de cone ou cilindro achatado, que se prende ao pescoço de animais, usado para ajudar na localização, impedindo que se percam do rebanho. *“[...] saíam atrás de bodes e carneiros, e quando conseguiam matá-los, colocavam os **chocalhos** nos pescoços dos penitentes mortos de emboscadas”* (Aras, 2009, p.179).

Chuçó s.m. Artefato produzido com haste de madeira, conectada a uma ponta de ferro, geralmente retirada de ferramentas agrícolas como enxadas ou foices, usado como lança ou estaca. *“[...] canudenses armados de foices e **chuços** de vaqueiros, entrando no meio dos soldados[...]”* (Aras, 2009, p. 113).

Cisterna s.f. Espécie de reservatório de água, abaixo do nível da terra, usada para receber e conservar as águas pluviais ou de tanques, também classificada como poço ou cacimba. *“Nesses últimos dias, a sede apertou e várias **cisternas** foram cavadas no largo das igrejas, só dando água salôba”* (Aras, 2009, p. 215).

Clavinote s.m. Espécie de clavina em tamanho pequeno, com munição de minério de ferro em formato de pequenas esferas, usado pelos combatentes. *“Os penitentes procuravam saber quem tinha bacamarte ou **clavinote**, acabando por comprar todos que encontraram [...]”* (Aras, 2009, p. 57).

Clavinoteiro s.m. Combatente armado com clavina ou clavinote. *“Serafim afirma séquito de Conselheiro ser superior a 1.000 **clavinoteiros**”* (Aras, 2009, p. 96).

Comblein s.m. Artefato bélico de origem belga e fabricação brasileira, de um só tiro, disparado por cartucho metálico, usada pelos combatentes. *“Puseram-se a rastejar, com cuidado, e, mais adiante encontraram um **comblein** encostado numa grande ingazeira”* (Aras, 2009, p. 216).

F f

Faca s.f. Instrumento cortante, curto, feito de aço, ferro ou madeira, composto de cabo e lâmina, reta ou curva, com apenas um gume, podendo ser usado como arma branca ou para atividades gerais. *"Em seguida, saíram à procura de sua família, matando todos os filhos, genros e noras, à foice e à faca"* (Aras, 2009, p. 103).

Faca caririzeira loc. Artefato de ponta, com lâmina curta, cabo de madeira, feito de corno de boi ou osso. *"João Abade [...] Usava uma faca caririzeira no cinto, chapéu preto de baeta e abas largas"* (Aras, 2009, p. 173).

Faca parnaíba loc. Artefato artesanal, usado como arma branca, de lâmina de aço carbônico, com cabo de madeira, com curvatura suave e bico pontiagudo. *"Viam-se também facões jacaré, facas Parnaíba, bestas e espingardas"* (Aras, 2009, p. 60).

Faca peixeira s.f. Artefato de lâmina longa e estreita, projetado para cortar peixe, usado também como instrumento de combate. *"[...] o comandante jamais se apartava de uma faca 'peixeira', escondida por baixo da espada, no cós de suas calças"* (Aras, 2009, p. 123).

Faca piancós s.f. Artefato utilizado pelos vaqueiros, com uma lâmina comprida, cabo de madeira, usado como arma branca, além da utilidade em atividades rurais, como o manejo do gado e na agricultura. *"Começou o burburinho: passeavam pelas ruas armados de bacamartes, facões e facas 'piancós' (compridas, como línguas de cobras) [...]"* (Aras, 2009, p. 69).

Facão s.m. Artefato em formato de faca longa, usado em combate e na caça ou como ferramenta para abrir picadas e cortar lenha.

"[...] Então, os conselheiristas empunhando foices, facões, machados, se jogavam sobre seus adversários [...]" (Aras, 2009, p. 101).

Facão jacaré s.m. Artefato de lâmina longa e curvada, usado pelos vaqueiros e fazendeiros para uma variedade de tarefas, incluindo cortar madeira, mato e alimentos. *"Viam-se, também facões jacaré [...]"* (Aras, 2009, p. 80).

Facão rabo de galo loc. Artefato de lâmina grande e curva, feito de aço, usado como arma branca e para abater animais. *"[...] e facões 'rabo de galo' fabricados por eles mesmos"* (Aras, 2009, p. 57).

Feiticeiro s.m. Modo como os comandantes dos soldados se referiam a Antônio Conselheiro. *"Esse Conselheiro é feiticeiro. Vamos quebrar essa mandinga, à baioneta"* (Aras, 2009, p. 139).

Feitor s.m. Espécie de capataz que supervisiona e ordena o trabalho dos empregados da fazenda. *"Os pobres [...] viviam em mocambos, às ordens dos feitores dos patrões"* (Aras, 2009, p. 23).

Ferrão s.m. Arma branca, improvisada, feita de vara de madeira ou bambu, com uma ponta afiada, semelhante a uma lança, usada para ferir animais de carga. *"Brigavam corpo a corpo, tendo os soldados invadido os casebres, e ali dentro recebiam golpes de facão, de foice, de ferrão, enquanto atiravam no escuro [...]"* (Aras, 2009, p. 140).

Foice s.f. Ferramenta agrícola em formato de lâmina curva, afiada em uma das extremidades, presa a um cabo longo, utilizada para cortar ou ceifar plantas, como grama, cereais ou vegetação alta. *"[...] feridos gravemente a tiros, chuços e cortes de foice, cambaleando, varados, sangrando, quase nus"* (Aras, 2009, p. 115).

M m

Macaco s.m. 1) Termo usado pelos sertanejos para se referirem aos soldados que lutaram na guerra. “Os *macacos* dessa vez, são três tantos mais do que os outros do *Corta-cabeça*” (Aras, 2009, p. 172); 2) s.m. Ferramenta usada para levantar cargas pesadas, para pequenas alturas, constituído de um sistema de rodas dentadas ou de roscas, acionado por manivela, alavanca ou mecanismo hidráulico. “[...] Não era um trado, mas, sim um ‘*macaco*’ de levantar peso” (Aras, 2009, p. 133).

Machado s.m. Ferramenta constituída de uma cunha de ferro cortante em um dos lados e com um buraco no outro, no qual se encaixa um cabo de madeira, usado especialmente para rachar madeira, árvore. “Ao serem descobertos, tiveram seus barris quebrados a *machado* e foice[...]” (Aras, 2009, p. 79).

Malho s.m. Ferramenta de cabeça pesada, semelhante a um martelo grande, sem unhas nem orelhas, próprio para bater o ferro. “Durante os trabalhos, ouvindo o som dos *malhos*, alavancas e picaretas [...]” (Aras, 2009, p. 40).

Mannlichers s.m. Artefato bélico, com cartucho de pólvora, sem fumaça, de alta velocidade, de calibre reduzido, usado pelo Exército. “Os tiros secos dos *mannlichers* e o detonar dos canhões continuavam mais esparsos [...]” (Aras, 2009, p. 88).

Marmita s.f. Utensílio de lata ou alumínio, feito para se colocar comida, serve transportar a própria refeição para o local de trabalho. “No percurso, atiravam fora, objetos de seu uso, que não suportavam carregar, como *marmitas*, cantis de flandres, cobertores, etc.” (Aras, 2009, p.

102).

Mascate s.m. Comerciante ambulante que viajava de cidade em cidade, vendendo produtos de origem estrangeira, como tecidos, quinquilharias e armas, ou produtos regionais, como couro, cachaça e frutas.. “Belo Monte recebia negociantes e *mascates*, ali não se cobrando qualquer tipo de imposto” (Aras, 2009, p. 60).

Matadeira s.f. Canhão usado pelo exército, maior peça de artilharia, responsável pelos bombardeios que destruíram tudo em Belo Monte. “Ouvíamos em Cumbe o bombardeio dos canhões sendo que o estrondo da ‘*matadeira*’, chamada também de ‘burra preta’ ecoava mais demoradamente” (Aras, 2009, p. 187).

Mestre-escola s.m. Espécie de professor de primeiras letras, responsável por alfabetizar e ensinar as primeiras noções de aritmética para crianças, especialmente nas áreas rurais. “Quando os filhos demonstravam interesse pela leitura os pais tinham que arranjar um *mestre-escola* para ajudá-los a conhecer as letras e soletrar” (Aras, 2009, p. 12).

Metralhadora Espécie de arma de fogo, longa, que realiza manualmente o processo de alimentação de um cartucho na câmara, a detonação do mesmo e a sua ejeção. “Tiros foram ouvidos, porém, as *metralhadoras* logo varreram a caatinga” (Aras, 2009, p. 175).

Mina s.f. Artefato bélico, explosivo usado para matar, ferir ou incapacitar indivíduos ou veículos terrestres, enterradas para explodir com pressões leves. “[...] havia grande quantidade de ‘*minas*’ ao redor da igreja nova, que explodiriam, no caso de uma invasão ao

P p

Pá s.f. Ferramenta em forma de lâmina larga ou grande colher, adaptada a um cabo comprido, usada para escavar ou remover, barro terra, carvão e folhas. "Ali, um pedreiro enchia **pás** de barro com ossos humanos, escavados pelas enxurradas, com a maior naturalidade [...]" (aras, 2009, p. 203).

Parnaíba s.f. Espécie de faca artesanal, de lâmina de aço, com cabo de madeira, com curvatura suave e bico pontiagudo. "O arraial de Cumbe estava todo ocupado e cercado de gente armada de carabinas, foices, **Parnaibas**, (espécie de faca daquele tempo)" (Aras, 2009, p. 57).

Patrona s.f. Espécie de cartucheira em que os soldados levam a pólvora encartuchada, usada no cinto diante da cintura ou a tiracolo. "Cada um dos indivíduos, carregava uma carabina, um enorme sabre, uma **patrona** no cinto com cem cartuchos [...]" (Aras, 2009, p. 99).

Penitente s.m. Termo usado para classificar os seguidores de Antônio Conselheiro, caracterizados por sua devoção à religião católica. "Até hoje, a população das redondezas sabe de cor, alguns cantos, muito usados pelos **penitentes**, conservados pela tradição oral" (Aras, 2009, p. 80).

Pente de bala loc. Espécie de carregador de munição das armas automáticas ou semiautomáticas, usado para abastecê-las. "De Monte Santo a Queimadas, era enorme a quantidade de munição, **pentes de bala**, mannlichers atirados à caatinga [...]" (Aras, 2009, p. 196).

Picareta s.f. Instrumento que consiste em uma peça de ferro com duas pontas aguçadas, que se prende a um cabo ger. de madeira e serve para

escavar a terra, arrancar pedras. "Tendo observado o recuo das Forças, João Abade, à frente de um grupo armado, e levando **picaretas**, saiu para cumprir o dever" (Aras, 2009, p. 116).

Pilão de pedra loc. Utensílio primitivo de origem antiga, escavado em pedra, com uma cavidade abaulada, na qual se coloca para socar alguns alimentos, tais como milho, café, fumo. "[...] cozinhava pedras em tachos. até ficarem brancas e, depois moíam no **pilão de pedra**" (Aras, 2009, p. 77).

Pinico s.m. Utensílio de barro, de formato arredondado, com asa para segurar e abertura na parte de cima, usado para depositar urina e dejeções. "[...] **potes, pinicos e pratos de barro**; nas paredes-cruzes, rosários e estandartes do Divino, às vezes, que guardavam as portas" (Aras, 2009, p. 80).

Pistola s.f. Espécie de arma de fogo portátil, de cano curto, usada com uma só mão, podendo ser de tiro simples, de repetição, semi-automática ou automática. "Os canudenses gritavam, disparando os trabucos e **pistolas**" (Aras, 2009, p. 143).

pólvora s.f. Artefato bélico, composto de uma mistura mecânica de salitre, enxofre e carvão de madeira em proporções variáveis, usado para abastecer armas e cartuchos. "A **pólvora**, conforme foi dita, era fabricada com carvão, enxofre e salitre (à flor da terra, no rio São Francisco)" (Aras, 2009, p. 119).

Pote s.m. Utensílio de barro, louça ou outro material, de boca larga e diferentes formas, geralmente com tampa, destinado a conter água ou outro líquido e mantimentos. "[...] levando, muitas vezes, um **pote** para o Conselheiro, até

R r

Rabdomante s.m. Indivíduo que pratica a rabiomancia, técnica de adivinhação que envolve o uso de vara, varinha, cajado, bastão, flecha ou similar para encontrar água no subsolo. “E como não havia **rabdomantes**, com varinhas, para indicar o lugar do poço, a água não foi encontrada” (Aras, 2009, p. 132).

Radiesthesista s.m. Indivíduo que pratica a radiestesia, uma forma de adivinhação que usa instrumentos como pêndulos, varetas ou bastões para detectar campos energéticos ou água no subsolo. “como **radiesthesista**, pesquisando água, combati os doutos, esclarecendo a todos sua caridade, sua neutralidade na guerra e sua paciência nas perseguições” (Aras, 2009, p. 15).

Rede s.f. 1) Espécie de leito, feito com tecido de fios entrelaçados no tear, podendo ser de linho, algodão, fibras de caroá, com cordões, para ser pendurado em ganchos ou em árvores. “Nessa marcha, cortavam mais de quarenta léguas de sertão maninho, dormindo em **redes** e esteiras de palha” (Aras, 2009, p. 43). 2) Artefato fios entrelaçados, formando uma malha larga, usado para apanhar peixes. “[...] **balas** que sibilavam naquele campo todo esburacado como uma **rede** de pesca” (Aras, 2009, p.187).

Revólver s.m. Espécie de arma de fogo portátil, de tambor giratório, com um ou mais canos, usada para disparar projéteis. “Entre elas, temos: *mannlicher, comblein, bacamarte “boca de sino”, clavinote, garrucha, revólver, lazarinas [...]*” (Aras, 2009, p. 237).

Rezador s.m. Indivíduo encarregado de rezar nas pessoas da comunidade. “Joaquim Grugunzo foi um dos melhores **rezadores** [...]” (Aras, 2009, p. 88)

Rifle s.m. Espécie de arma de fogo portátil, de cano longo, de origem inglesa, usada pelos combatentes. “Haviam armas mais modernas, como o **rifle** e o **chuço**, sendo que essa última era de um só tiro” (Aras, 2009, p. 111).

Roceiro s.m. Indivíduo que vive em comunidade rural, podendo ser proprietário de roça, cultivá-la ou não. “Os **roceiros** que vieram com suas famílias fazer compras [...]” (Aras, 2009, p. 37).

A pesquisa também buscou contribuir para dar mais visibilidade aos estudos lexicais na região da caatinga, possibilitando preencher uma lacuna existente nesse campo de estudo no semiárido baiano, mais especificamente na região conhecida como o sertão do Conselheiro. Na análise do léxico buscou-se explorar aspectos culturais da região retratada por José Aras e elaborar um glossário, organizando lexis relacionadas ao contexto da guerra e lexemas em uso no início do século XX.

O produto aqui apresentado reflete não apenas a conclusão de uma pesquisa, mas a constatação de que ainda há muito por ser feito em relação aos estudos que ousadamente chamamos lexicocultural sertaneja a partir da obra de José Aras. O pouco oferecido, até o momento, dá uma amostra do espelho de identidade cultural e social da região, contribuindo, portanto, para a preservação e a construção da história, cultura e memória.

REFERÊNCIAS

ARAS, José [1953]. **Sangue de irmãos**. ARAS, Roque; MACEDO, Adalgisa Nady Aras (Org.). 2. ed. Revisada. Feira de Santana: EMGRAF, 2009.

ARMAS BRASIL. **Glossário de armas do Brasil**. Disponível em: <<http://www.armasbrasil.com/Pagdiversas/glossario.htm>> Acesso em: 10 ago. 2023

BARBOSA, Maria Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001, p. 23-45.

FONTES, Adriana Gonsalves da Silva. Canudos, um mar de histórias no sertão: análise do léxico sertanejo em “Sangue de irmãos – Canudos por dentro”, de José Aras. 2024. 152 fls.

Dissertação – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2024.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia**. Teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.